

O quarto que sou eu e o quarto que eu posso arrumar: uma pesquisa alicerçada na experiência

The bedroom that I am and the bedroom that I can arrange: A first-person based research

Ariany da Silva Villar¹
Josemar de Campos Maciel²

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: ariany.villar.psicologo@gmail.com

² Doutor em Psicologia pela PUC Campinas. Professor na UCDB. E-mail: maciel50334@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é dar visibilidade ao fenômeno da relação do jovem (de 18 a 21 anos) com seu quarto, a partir do relato de estudos de caso realizados, como também realizar o ensaio da construção de uma Metodologia que priorize os sujeitos de pesquisa e suas experiências. Diante de todo o alvorecer de complexidades de nossa sociedade

Pós-Moderna, coube a nós, com esta pesquisa, mostrarmos-nos sensíveis a um pequeno universo dentro deste ilimitado – enfocamos o processo dialético em que o indivíduo constrói seu espaço e é construído por ele, sendo esse espaço o seu próprio quarto. A escolha pelo sujeito jovem se motiva por seu diálogo intenso com as transformações de nossa era e por sua construção identitária característica do momento do desenvolvimento em que se encontra, refletida em desejos e gestos de diferenciação e individuação. Como esta pesquisa nasce e se desenvolve pelo viés da relação entre os seus participantes, sua tentativa não esteve em torno de uma transcrição do fenômeno, mas sim da produção de *insights* pelos participantes da pesquisa em diálogo com seus respectivos espaços de manifestação, por meio das contínuas reflexões incitadas nos encontros entre participante-pesquisador e participantes-pesquisados; as representações e significações do participante-pesquisador estiveram sempre presentes na pesquisa e foram consideradas como influentes por direcionarem o olhar deste no perceber do fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE

pesquisa heurística
método fenomenológico
pesquisa-relação

ABSTRACT

The objective of the following research is to render visible the phenomenon of the relationship between youngsters (18 to 21 years of age) and their bedrooms. One departs from small *vignettes* to attempt to essay the construction of a methodology that gives priority to the subject of the research and her experiences. Looking at the enormous complexity of our so called postmodern society, we have attempted to show systematically some sensitivity into this almost boundless universe – putting into focus the dialectical process into which the individual builds her space and, simultaneously, is formed herself by it – being the bedroom taken as this space. A young subject has been chosen because of her intense dialogue with epochal transformations and due to her identity construction, characteristic of the moment of her development and reflected or projected into desires and gestures of differentiation and individuation. This research is born from the soil of relationship amongst participants. This being so, one attempts not to transcribe phenomena but, instead, to produce and provide insights that have been elicited in the continuum represented by the successive meetings between participant/researchers and participant/researched people. Representations and meanings of the participant/researcher are of special importance, for they helped to frame the phenomenon.

KEY WORDS

heuristic inquiry
phenomenological method
relationship-research

1 INTRODUÇÃO

Por meio do presente trabalho, pretendemos visibilizar um fenômeno pouco pensado dentro dos limites da academia: a relação entre jovens - com idades de 18 a 21 anos - com seus respectivos quartos (pensados por nós como “microambientes urbanos”), numa tentativa de suscitar discussões a esse respeito. Estabelecido o objeto da investigação, incluímos em nossa intencionalidade o ensaio de um método que prioriza a experiência e as relações que se dão pela pesquisa, elaborado a partir da aproximação da Metodologia Heurística de alguns elementos da Metodologia Fenomenológica e da Etnografia. Para tal, partimos de estudos de caso realizados, numa tentativa de escrita-síntese que considerou a multiplicidade das subjetividades como ponto de constituição do período contemporâneo aqui entendido como Pós-modernidade.

O período sócio-histórico atual apresenta características peculiares perante os valores e modos de organização espacial de momentos anteriores. A identidade da cultura foi alterada por mudanças que se instituem e que não se mantêm, como resultado da alta velocidade com a qual se dão os processos de globalização e integração das culturas nacionais e regionais. Nesse cenário, emerge um sujeito emancipado da rigidez dos moldes racionalistas, livre para a expressão de opiniões e valores plurais, aberto ao caos e à não linearidade, ao mesmo tempo em que inseguro perante tantas possibilidades de sentidos e significados oferecidas pelos mais diversos meios articuladores de representações sociais. Sua identidade não mais se pauta em estabilidade, mas em fluidez, e por isso se torna impossível delimitá-lo e/ou entendê-lo como passível de generalizações – afinal, nunca se terá acesso ao todo representacional e simbólico de sua multiplicidade fragmentada e descentrada. Diante de todo esse alvorecer de complexidades, coube a nós fazermos-nos sensíveis a um pequeno universo – enfocamos o processo dialético em que o indivíduo constrói seu espaço e é construído por ele, sendo esse espaço o seu próprio quarto. Entende-se aqui uma dialética entre microcosmo e macrocosmo, como se verá.

É válido ressaltar que, na elaboração deste trabalho, não tivemos interesse em formular critérios e/ou leis acerca do processo a ser observado (até mesmo porque partimos do pressuposto de que a observação não é pura e, por isso, incapaz de predizer supostas “verdades”), nem

mesmo pretendemos elaborar uma análise – fragmentação do todo em seu elemento mais essencial -, simplesmente porque não entendemos o quarto como representante elementar da organização da sociedade Pós-Moderna - o que seria um golpe de insustentável retórica. Não utilizamos, portanto, a perspectiva teórica da Simplificação (Paradigma S), também conhecida como Cartesiana, para a elaboração desta pesquisa. Ao contrário, trabalhamos com o caráter da fractalidade dentro de uma perspectiva disciplinar de Complexidade (ALMEIDA FILHO, 2005), na qual “uma nova geometria, baseada na redução das formas e propriedades dos objetos ao ‘infinito interior’” (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 36) foi utilizada. Por isso, foram escolhidos para a participação como pesquisados apenas duas jovens.

Além disso, nós, sujeitos da pesquisa, nos engajamos nesta a partir da construção de um olhar fenomenológico sobre o fenômeno mencionado, proposta que, para nós, exige a elaboração interna do pesquisador como elemento crucial a ser levado em consideração (MOUSTAKAS, 1995). Nossa tentativa não esteve em torno de uma transcrição do fenômeno, mas sim da produção de *insights* pelos participantes da pesquisa em diálogo com seus respectivos espaços de manifestação, por meio das contínuas reflexões incitadas nos encontros entre participante-pesquisador e participantes-pesquisados; as representações e significações do participante-pesquisador estiveram sempre presentes na pesquisa e foram consideradas como influentes por direcionarem o olhar deste no perceber do fenômeno.

2 ALGUNS ESCLARECIMENTOS: O “NÓS” E O PROCESSO DE CO-AUTORIA

O “nós”, pronome que caracteriza a textura da presente reflexão, é a cifra de uma experiência relacional complexa, composta por quatro agentes de pesquisa: uma participante-pesquisadora, cujo papel foi a elaboração da proposta inicial da pesquisa, a organização e participação (como eliciadora de reflexões e como ouvinte) dos encontros e visitas, e a tradução e síntese dos principais *insights* emergentes no artigo e em uma proposta de devolutiva coerente; duas participantes-pesquisadas, cuja colaboração foi a sugestão de como se dariam as visitas, a abertura à possibilidade de receber em suas casas, mais especificamente em

seus quartos, o desafio de buscar entender este particular fenômeno da relação que estabelecem com aqueles, e, principalmente, a elaboração de *insights* acerca da investigação proposta, por meio de reflexões sucessivas; e um participante-auxiliador, cujo trabalho central foi auxiliar na busca de materiais teóricos que dariam suporte a esta investigação *a posteriori*.

A maneira de escrita deste trabalho se aproxima do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) no aspecto de que, assim como este, a partir de discursos de várias individualidades, se constrói um único discurso que traz em si a síntese dos demais (LEFEVRE; LEFEVRE, 2003). Porém, diferente dele, não se refere somente a uma tabulação dos relatos emitidos pelos participantes-pesquisados. Trata-se, além disso, da construção de uma voz que narra os momentos de pesquisa, e que se insere como o corpo de uma coletividade que se manifesta por meio de uma fala concordante. Além disso, acreditamos que o fato de se relacionarem a questões singulares das participantes, e destas estarem inseridas praticamente como coautoras deste artigo, um enunciado em primeira pessoa do singular – como é realizado no DSC – suscitaria maior exposição das pessoas, talvez instigando proposições acerca da sua identidade, o que não é nosso objetivo¹.

O “nós” contará a história desta pesquisa como se a enxergasse de cima, narrativa na qual os participantes mencionados são personagens. Isso abarcará duas consequências importantes: a primeira, a preservação da identidade dos sujeitos de pesquisa (já que este trabalho incorpora temáticas de sua intimidade, como já fora dito) e, a segunda, o “borramento” das fronteiras que delimitavam a relação pesquisador-pesquisado.

Partimos da perspectiva de que as fronteiras entre a vivência do pesquisador e a do pesquisado devem ser esfumadas, diminuídas, ou mesmo, em alguns casos, apagadas, em nome de um valor primordial: “não se pode deixar a pessoa humana para trás, no processo de investigação psicológica” (MOUSTAKAS apud MACIEL, 2004). Pesquisar é um

¹ Kamilla Golin (Acadêmica do Curso de Psicologia - kamilla.golin@yahoo.com.br) e Elaine Elias Amaral (participante do crupo de Iniciação Científica - Elaine.Elias@gmail.com) participaram de todo o processo de redação como construtoras ativas, no sentido das co-participantes de Moustakas (Cf. MACIEL, 2004, *supra*).

ato de mediação - de experiências, antes de produtos informacionais. O conhecimento é um dos seus produtos, mas ele acontece ao longo do caminho, ao longo e na medida em que as pessoas vão interagindo entre si e com os diversos objetos de seu cotidiano, os diversos objetos circundantes e contrastantes, que as forçam a realizar diversos esforços rumo à expressão de si e à construção de sua própria forma de autor-representação.

Quando, no processo de pesquisa, as formas de interação com vistas à geração ou à obtenção de informações acontecem a partir de informações já processadas, elas não têm condições de fazer justiça às muitas determinações e mesmo indeterminações do processo de experiência. Por sua vez, dar conta dessas minúcias é expressar, de maneira rigorosa, ainda que não objetiva, a verticalidade, a singularidade de um fenômeno – ou seja, não transformando em “ob-jeto” porque não está “diante-de”, mas trabalhando a partir do rigor de uma observação disciplinada e sempre atenta para valorizar pequenos detalhes integráveis a uma rede de outros detalhes. No caso de fenômenos que acontecem em relacionamentos humanos, então, a singularidade do fenômeno vai acontecer e dar-se de um modo rico na própria relação. Assim sendo, não pode haver na pesquisa, mesmo correndo o risco de enviesá-la, um afastamento do outro com vistas a objetivá-lo, ou seja, transformá-lo em parte de um indicador (DOUGLAS; MOUSTAKAS, 1985). Pode haver um esforço de polimento da expressão escrita, mas não mais que isso. Se – no esforço da busca da expressão adequada de um fenômeno – a relação mesma for deixada de lado, o “outro” se perde, e a pesquisa empobrece a sua vocação de mediadora de experiências, decaindo para uma coleta de informações de segunda mão.

E, ainda nessa intencionalidade de produção científica relacional, outras indagações emergiram para além da questão inicial que move esta pesquisa: que métodos utilizar para que a construção de nosso conhecimento de fato priorize os sujeitos envolvidos? Ou melhor, “o que acontece com um modelo de pesquisa científica se o elemento subjetivo, ou pessoal, ou se uma matriz de filosofia existencial e um método fenomenológico são o seu ponto de partida? Esse modelo pode ter ganhos efetivos?” (MACIEL, 2004, p. 17). Foi a partir daí que se constituiu toda a elaboração do método desta investigação, que circunda em torno de pontuações de Clark Moustakas, e no qual se propôs o desafio de uma

postura fenomenológica por parte do participante-pesquisador, já que consideramos que seria a mais adequada na concretização de uma pesquisa nesses moldes.

O “nós”, enquanto escrita, vem também ser uma tentativa de salvaguardar, nos mínimos detalhes, o cunho relacional desta pesquisa. Podemos dizer, portanto, que o “nós” é o discurso-produto do diálogo entre os sujeitos de pesquisa entre si e, concomitantemente, em inter-relação dialética com os ambientes (contextos) em que estão inseridos. É um discurso temporal e histórico, pois se constrói em nossa pesquisa à medida que a proposta da reflexão sobre o processo de relação do jovem com seu quarto vai sendo gerada e mais claramente delineada e experienciada no dia a dia dos sujeitos participantes. A voz empostada pelo “nós” e que conta a história da pesquisa é, então, a voz final do seu construto, não entendida como sua finalização, mas como um momento particular, aquele *a posteriori*, desencadeado pelos meses de convívio entre os participantes, que, como se verá adiante, vão muito além do período de visitas aos participantes-pesquisados propriamente dito.

3 A CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA QUE PRIORIZA A EXPERIÊNCIA

Nossa investigação teve contribuições metodológicas de três vertentes: a Metodologia Heurística de Clark Moustakas (1990; 1995), o olhar Fenomenológico (MERLEAU-PONTY, 1992) e alguns traços da Etnografia em Bronislaw Malinowski (1984). Em todas elas, houve aproximações e/ou distanciamentos de suas propostas originais, de modo que a metodologia utilizada por nós fosse coerente com as possibilidades e propostas da pesquisa.

Se pensarmos a partir de Moustakas (1990; 1995), podemos considerar que a presente pesquisa teve início no processo de elaboração interna dos seus participantes, começado há cerca de dois anos, já que todos participavam, oficialmente ou não, do mesmo grupo de Iniciação Científica, desde o ciclo 2010/2011. Uma das atividades propostas pelo orientador foi a busca por *insights* no cotidiano de cada um, utilizando como ferramenta a escrita diária de reflexões pessoais, que refinariam o olhar dos membros do grupo ao que não costumavam enxergar. Os indivíduos assim atentaram para temas de interesse, e despertou-se,

particularmente na participante-pesquisadora, o desejo de direcionar os olhares da ciência que pretendia construir ao fenômeno da relação do jovem com seu quarto. Se pensar em um tema já é estar em campo de pesquisa (SPINK, 2003), podemos dizer que esta já se encontrava, desde esse período, em andamento.

A proposta deste objeto de estudos chegou à coletividade do grupo e fora decidido que se realizariam visitas a dois jovens, com idades de 18 a 21 anos. Como as visitas seriam aos quartos dos participantes-pesquisados, decidimos também que os dois sujeitos pesquisados seriam do próprio grupo de pesquisa (coincidentalmente, do sexo feminino), por ocasião do caminho de elaboração interna que já vinham percorrendo juntos e, conseqüentemente, pelo vínculo já construído entre eles, o que facilitaria a ocorrência desta pesquisa, dada a magnitude da proposta de visitas em questão de intimidade. Por consequência disso, criou-se a situação ética em que autores, participantes e analistas do trabalho estavam todos/todas no mesmo grupo.

Os passos seguintes de nossa investigação se direcionaram ao contato com algumas literaturas-base relacionadas ao procedimento metodológico que seria realizado. Em grupo, instruímo-nos acerca da Metodologia Heurística e da Etnografia (Malinovsky), enquanto que, individualmente, a participante-pesquisadora, responsável pelo presente trabalho, também se debruçava sobre os princípios do olhar fenomenológico, artefato fundamental para se tornar agente promotora das visitas, um dos papéis que deveria desempenhar.

Posteriormente, foram organizadas as visitas. Os encontros consistiam na ida da participante-pesquisadora às casas (mais especificamente aos quartos) das participantes-pesquisadas, onde incitaria reflexões e discussões por meio de diálogos com elas acerca de seus respectivos ambientes. A proposta inicial era de que os encontros se realizassem no período que abrangeu de fevereiro a maio de 2012, ocorrendo quinzenalmente a cada participante-pesquisado, de modo que, toda semana, a participante pesquisadora visitasse um sujeito. No entanto isso não foi possível, devido a questões de disponibilidade dos envolvidos, e as visitas se estenderam até o final de julho de 2012.

É válido ressaltar que o critério de escolha dos participantes-pesquisados foi a idade (de 18 a 21 anos) e o pré-contato com a participante-pesquisadora pelo fato de fazerem parte do mesmo grupo

de pesquisa de Iniciação Científica. Assim sendo, o vínculo necessário à escrita etnográfica já estava formado. Isso nos faz coerentes com a vertente metodológica do Inquérito Heurístico, na qual a pesquisa deve possuir uma escrita de relação, de afetação mútua, de não neutralidade (MOUSTAKAS, 1995). Esse viés sob o qual nossa pesquisa é edificada foi determinante ao andamento desta, já que compreendemos que o período de investigação, ainda que durasse todo o ano de pesquisa, seria insuficiente para engendrar os laços necessários para que se pudessem compartilhar entre participante-pesquisadora e participantes-pesquisadas conteúdos tão íntimos destes.

3.1 Um instrumento necessário: o ensaio metodológico em fenomenologia na construção das visitas

O método fenomenológico foi um desafio proposto à participante-pesquisadora de, primeiro, pensar-se como um fenomenóloga, alguém que, pelo respeito à realidade, insere um fio discreto, mas que atribui significado, à relação entre a sua própria experiência consciente e a construção de uma relação geradora de significado, não por acaso denominada como “inquérito heurístico”, ou seja, gerativo (DOUGLASS; MOUSTAKAS, 1985). Dessa maneira, uma forma de olhar mais sensível aos fenômenos do cotidiano precisou ser construída, e, em nossa pesquisa, o refinamento do olhar da participante-pesquisadora se deu pela escrita constante sobre suas experiências pessoais, num procedimento intitulado “habitar-se” (MOUSTAKAS, 1995).

Consciente de que a gama de construções representativas e experiências próprias influem em seu modo de se aproximar e de se relacionar com o objeto de pesquisa, a participante-pesquisadora pode, ao menos com um pouco mais de clareza, identificar de que maneira se constrói a percepção que possui do fenômeno e que permearia todo o processo de elaboração científica (MERLEAU-PONTY, 1992). Essa lógica trata-se, pois, de uma ótica que não se utiliza da neutralidade científica cartesiana, ao mesmo tempo em que coloca o cientista em um posicionamento de não-saber, por meio do “dizer o que é *nós* e o que é *ver*, fazer, pois, como se nada soubéssemos, como se a esse respeito tivéssemos que aprender tudo” (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 16). O entendimento e o treino da percepção da participante-pesquisadora se tornam à

ciência, dentro desse campo de pensamento, um instrumento valioso para se aproximar do anseio fenomenológico primordial: retornar às coisas mesmas.

Um segundo passo da participante-pesquisadora em direção a uma postura fenomenológica foi despojar-se da busca teórica inicial em pesquisa sobre teorias e hipótese que explicassem o fenômeno em questão antes que este se expressasse por si mesmo. Este é o momento dentro do processo de investigação fenomenológica conhecido como “redução” teórica, que consiste em purificar a consciência de precompreensões que a possam enviesar no sentido de projeções particulares sobre o fenômeno, comprometendo a honestidade da relação com o mesmo (MOUSTAKAS, 1990).

Tendo isso em vista, a participante-pesquisadora organizou as primeiras visitas com as participantes-pesquisadas, que aconteceram em datas diferentes. No primeiro encontro com cada uma delas, em seus respectivos quartos, explicou a proposta da pesquisa e lançou a pergunta que desencadearia a discussão desta investigação: “Como é a sua relação com seu quarto?”. As participantes indagadas discorriam livremente sobre o assunto e, segundo suas próprias reflexões e *insights*, conduziam a pesquisa para um determinado ponto. A participante-pesquisadora só inquiria novamente para ampliar seu entendimento sobre algum ponto do discurso da participante-pesquisada caso não ficasse muito claro.

Ainda no primeiro dia de encontro com cada participante-pesquisada, a participante-pesquisadora entregou um caderno a cada uma, pedindo-lhes que, se possível, pensassem sobre a questão oferecida para além dos dias de visitas e ali escrevessem seus *insights* e novas indagações que pudessem surgir. As próximas visitas seriam conduzidas a partir do que haviam escrito no caderno. No entanto tal proposta não se manteve; isso não significa que os sujeitos não pensaram sobre a pesquisa, mas apenas que não disponibilizavam de tempo para elaborar pela escrita tudo o que percebiam, ou talvez porque não quisessem que sua história, a história de relacionamento com seu espaço, com suas coisas, fosse construída dessa forma, como uma tarefa determinada por outrem. Na falência dessa medida, as demais visitas foram conduzidas pelas reflexões construídas no dia a dia das participantes-pesquisadas, porém, apenas pelo discurso ver-

bal, de modo livre. Todas as formulações posteriores assim foram se delineando, de forma que o fenômeno foi tomando sua própria forma, de acordo com a personalidade de cada participante, em diálogo com seu ambiente e com a participante-pesquisadora. Afinal, o esforço em valorizar as diferenças também se encontra dentro do parecer fenomenológico (MOUSTAKAS, 1990).

As datas de visitas eram marcadas de acordo com a disponibilidade de cada participante-pesquisada, de modo que houve semanas em que ambas foram visitadas, como também ocorreu de não haver visitas durante um período superior a quinze dias. As visitas aconteciam de maneira informal (para que o ambiente psicológico fosse o mais confortável possível) e não possuíam limite de tempo; ainda assim, não duravam mais do que duas horas. Abaixo, uma tabela com as datas de visita a cada participante-pesquisada.

Tabela 1 – Datas e numero das visitas realizadas no primeiro semestre de 2012 a cada participante-pesquisada

PARTICIPANTE-PESQUISADA	NÚMERO DE VISITAS	DATAS (2012/A)				
		Primeira Visita	Segunda Visita	Terceira Visita	Quarta Visita	Quinta Visita
A	5	09/03	14/04	30/04	08/06	27/07*
B	4	25/03	05/05	30/06	11/07*	-

*Visita de encerramento.

Como pode ser observado, também o número de visitas foi diferenciado a cada sujeito, por ocasião de suas possibilidades de tempo no decorrer do semestre de encontros; a participante-pesquisada A desenvolveu cinco encontros, enquanto a B, quatro. No entanto, acreditamos que o fato de o sujeito B ter desenvolvido um encontro a menos que o sujeito A não prejudicou a construção de suas reflexões, já que as visitas à participante-pesquisada B geralmente duravam um período maior de tempo em relação à participante A. A última visita realizada a cada um dos sujeitos foi tida como “visita de encerramento”.

A participante-pesquisadora, em cada encontro, trazia consigo um caderno de anotações, no qual registrava alguns pontos do percurso de reflexão de cada participante-pesquisada, inicialmente em relação ao

seu quarto, posteriormente sobre alguns objetos, e assim por diante, ou seja, coube à participante-pesquisadora o registro dos discursos centrais, “essências” dos diálogos que emergiam nos encontros, inclusive falas das participantes-pesquisadas que eram representantes do que vinha sendo pensado. O papel da participante-pesquisadora foi, muito mais do que identificar variáveis ou continuidades e regularidades do discurso, buscar o que ia ganhando forma expressiva. Foi buscar o que permaneceu nos discursos construídos pelas reflexões. É importante ressaltar que o conteúdo do caderno da participante-pesquisadora era elaborado durante as visitas e à mostra das participantes-pesquisadas, de modo que poderia ser lido caso quisessem. Isso fortaleceu laços de confiança entre os envolvidos nesta pesquisa.

Houve, ainda, na última visita a cada sujeito-pesquisado, tida como visita de encerramento (cf. Tabela 1), a proposta de duas questões pela participante-pesquisadora em relação ao processo de pesquisa construído: “Como foi para você participar desta pesquisa? Se algo mudou depois deste processo, o que mudou?”. A intenção da pesquisadora com estas perguntas era verificar até que ponto o desenvolvimento da pesquisa teria afetado as participantes-pesquisadas.

Muitos foram os conteúdos que emergiram a partir das discussões engendradas pelos participantes. Todavia apenas alguns pontos foram destacados, por se apresentarem como “essência” na maioria dos discursos de ambas as participantes-pesquisadas, e, principalmente, porque não as exporiam em demasia. A escolha desses pontos foi dada em consenso pelos sujeitos da investigação. Esta, conduzida pelas reflexões destes, deslocou seu olhar da relação do jovem com seu quarto para o relacionamento que possuíam com os objetos dele constituintes, focando principalmente o processo de “guardar-expor” objetos.

Tendo em mãos o novo foco da pesquisa e as formulações elaboradas no decorrer do semestre, a participante-pesquisadora pôde, por fim, buscar conteúdos teóricos que o auxiliaram em suas tentativas de síntese reflexiva e dialógica, não num sentido de anseio explicativo, mas na procura de compreensões que permitiriam que o diálogo com o conteúdo em questão acontecesse de maneira mais efetiva. Com a ajuda do participante-auxiliador, conseguiu delinear a teoria que contribuirá em nossas discussões: o entendimento de Crise de identidade de Erik Erikson (1987).

Nesse mesmo momento da pesquisa, também foi determinada a prática de devolutiva: a participante-pesquisadora elaborou a cada uma das participantes-pesquisadas poemas que transcrevem o entrelugar, ou seja, o material representacional, linguístico, simbólico, cultural, que se estrutura a partir da inter-relação entre diferentes discursos (BHABHA, 2007, p. 201), aqui referentes ao da pesquisadora, das pesquisadas, ao ambiente em questão e ao universo da proposta de reflexão desta pesquisa.

Inúmeras outras discussões, partidas de conteúdos construídos nesta investigação não serão desenvolvidas nestas folhas em respeito à preservação da subjetividade dos participantes-pesquisados, e seu ocultamento foi decidido pelos participantes. O material do caderno de anotações da participante-pesquisadora se encontra em posse desta.

3.2 A angústia diante do campo e a contribuição de Malinovski: uma solução na relação

Existem alguns detalhes acerca do método por nós trabalhado, os quais merecem alguns apontamentos. Para isso, voltaremos ao momento de elaboração da pesquisa, antes do planejamento das visitas. Nesse período, a participante-pesquisadora viu-se acuada diante do que pretendia propor à investigação; afinal, se encontrava perante o outro que trazia o paradoxo do conhecido e do desconhecido, que possui seus mundos, seus modos de vida, sua linguagem ubíqua e sua cultura vertical e horizontal. Nesse ponto, temos a primeira contribuição de Malinovski (1984), que, na narrativa de sua experiência pessoal de primeira pesquisa de campo nos métodos etnográficos, desenvolvida em Papua Nova Guiné, menciona as sensações de desânimo e desespero diante das tentativas frustradas de estabelecer contato com os nativos, durante as primeiras semanas de exercício etnográfico (MALINOVSKI, 1984).

Algo análogo ocorreu com a participante-pesquisadora: apesar de as participantes-pesquisadas serem membros do mesmo grupo de pesquisa – o que facilitava o contato interpessoal – o estabelecimento das primeiras visitas mostrou-se uma difícil missão a ser desenvolvida. Como adentrar tão profundamente no universo pesquisado (pois o caráter desta pesquisa nasce na intimidade dos participantes) sem

constrangê-lo e sem prejudicá-lo? Como manter a riqueza do fenômeno e respeitá-lo em sua diferença? Como fornecer as condições necessárias para que ele discorra livremente sobre si?

Algumas respostas a essas questões foram encontradas na relação. Assim como a ideia de “amigo da onça” de Achugar (2006), a pesquisadora teve de reconhecer sua posicionalidade diante dos discursos a serem estudados, perceber sua diferença diante das alteridades – notar que não é possível ser “onça” – e, ainda assim, vestir uma incorporação do felino estudado, estando ao seu lado, tentando ajudá-lo a contar sua própria história. Desse modo, a participante-pesquisadora conviveu em diversos momentos, informalmente e “fora” dos limiões técnicos da pesquisa, com as participantes-pesquisadas, e a aproximação que fortificou o vínculo entre elas foi instrumento essencial para a construção desta pesquisa.

Na verdade, as participante-pesquisadas foram estrategicamente escolhidas por ocasião da maior convivência com a participante-pesquisadora (afinal, os participantes são membros do mesmo grupo de Iniciação Científica pela Universidade Católica Dom Bosco), dadas as diversas limitações desta pesquisa, principalmente referentes ao tempo de duração, para que se estabelecessem vínculos com outros sujeitos a ponto de ser possível uma investigação em nível de tamanha intimidade. De fato, o desenvolvimento desse inquérito não seria possível se o estudo em questão se restringisse apenas ao discurso das participantes-pesquisadas dentro dos seus quartos, nos dias de visita. Isso porque um discurso é algo que vai muito além do comportamento verbal. O discurso está no sujeito e tem sua razão de ser no sujeito. Por isso, elaborar uma pesquisa que priorize o discurso dos sujeitos sobre um determinado tema implica certo conhecimento de quem ele é e os motivos pelos quais ele emite seus enunciados, para que a descrição desses enunciados pelo participante-pesquisador respeite o máximo possível às subjetividades e para que não haja interpretações errôneas sobre os significados de seus discursos.

Se não há um diálogo concreto entre as subjetividades, se não se considera como objetivo o entendimento de suas mentalidades, de seus valores, de suas crenças, qualquer recolhimento de dados concretos seria material morto (MALINOVSKI, 1984), e de nada valeria a elaboração desta pesquisa. Acreditamos que investigações que visam entender fenômenos humanos como eles são, precisam do convívio

entre os diferentes discursos – discurso científico do pesquisador e discurso ubíquo do pesquisado – para abarcar o máximo de conteúdos que o fenômeno possa oferecer.

Essa convivência foi instrumento facilitador da pesquisa-relação proposta. Algo semelhante ao que demonstrou Malinovski (1984) a respeito da escrita etnográfica: ele só pôde, de fato, conhecer o que pretendia estudar - as relações econômicas de Papua Nova Guiné - quando, cansado de descrever pormenorizadamente os eventos do povo em questão, adentrava em seu universo, e enxergava o nativo como pessoa, e não como objeto de pesquisa:

Tive de aprender a comportar-me e, até certo ponto, adquirir ‘a sensibilidade’, para o que entre os nativos se considerava boas e más maneiras. Foi graças a isto, e à capacidade de apreciar a sua companhia e apreciar algum dos seus jogos e diversões, que me comecei a sentir em verdadeiro contato com os nativos. E esta é, certamente, a condição prévia para poder levar a cabo com êxito o trabalho de campo. (MALINOVSKI, 1984, p. 22).

O autor indica ainda, discorrendo por sua própria experiência com os nativos, que “[...] através desse relacionamento natural, aprende-se a conhecê-los e a familiarizar-se com seus costumes e crenças de forma muito mais conveniente [...]” (MALINOVSKI, 1984, p. 22).

Consciente disso, a participante-pesquisadora construiu sua pesquisa nesses moldes, buscando o relacionamento proveniente do convívio natural que se era possível estabelecer. A pesquisa se solidificou, *a priori*, pelo viés da experiência dos e entre os indivíduos, e não por um embasamento teórico pré-estabelecido e cristalizado. Aliás, é válido ressaltar que, para nós,

Estar treinado e atualizado teoricamente não significa estar carregado de idéias ‘pré-concebidas’. Se alguém empreende uma missão, determinado a comprovar certas hipóteses, e se é incapaz de a qualquer momento alterar suas perspectivas e de abandonar de livre vontade perante as evidências, escusado será dizer que seu trabalho é inútil. Mas quantos mais problemas ele levar para o campo, quanto mais habituado estiver a moldar as suas teorias aos fatos e a observar estes últimos na sua relação com a teoria, em melhores condições se encontrará para trabalhar. (MALINOVSKI, 1984, p. 23).

3.3 A prática de devolutiva

Podemos dizer que a devolutiva foi construída no decorrer do ano de pesquisa e sintetizada depois do encerramento das visitas. Isso porque ela busca traduzir, no que é possível, o que fora percebido pelo participante-pesquisador dos diálogos sobre o fenômeno em questão, engendrados no convívio entre participantes, próximo ao que Bhabha (2007) atribuiu ao conceito de entrelugar.

Tais percepções tomaram forma de poemas, um a cada participante-pesquisado, no qual o participante-pesquisador discorre sobre a dinâmica da personalidade em relação ao quarto, como se fosse cada indivíduo pesquisado, como se pudesse, por um momento, vestir seu discurso, e, assim, exercitar verdadeiramente sua funcionalidade de “amigo da onça” no sentido atribuído por Achugar (2006). Para enfatizar o caráter de diálogo entre os discursos em questão, a participante-pesquisadora abriu espaço para que as participantes-pesquisadas pudessem colocar o título dos poemas conforme pensassem ser conveniente.

O caráter artístico atribuído a essa devolutiva é artefato da Metodologia Heurística em pesquisa (MOUSTAKAS, 1990), na qual se entende que o sujeito pesquisado deve acompanhar os processos de construção da pesquisa e compartilhar de seus resultados; além disso, estes devem chegar aos pesquisados por meio de uma linguagem que lhes seja inteligível. Nesse ponto, a linguagem artística tem sido muito útil no desempenho do estabelecimento dessas “pontes” entre os sujeitos da pesquisa.

Os poemas de devolutiva se encontram no final deste artigo, inseridos como Anexos 1 e 2, e direcionados, respectivamente, aos sujeitos participantes “A” e “B”.

4 CONTANDO HISTÓRIAS: DA RELAÇÃO JOVEM-QUARTO AO PROCESSO DE GUARDAR-EXPOR OBJETOS

Em linhas gerais, esta discussão é composta pela história de relacionamento de duas jovens, de 18 a 21 anos, ocasionalmente com o mesmo sexo e, aparentemente, com interesses semelhantes (por se encontrarem no mesmo grupo de Iniciação Científica), com seus respectivos quartos. No entanto as diferenças entre elas vão se delineando

conforme a participante-pesquisadora se aproxima de seus discursos e o vínculo entre os sujeitos se fortifica a ponto de conceder maior dinamismo e liberdade aos enunciados.

Uma das vozes apresenta seu discurso em torno de um quarto cindido: são dois cômodos, em locais distintos da casa, nos quais se articula. Um deles se refere ao que talvez possamos nomear de “quarto oficial”, onde se encontra a cama e o guarda-roupa, além de inúmeros objetos de decoração; no outro, há um colchão que ela traz do quarto oficial quando, por algum motivo, acha mais conveniente dormir e estar neste outro, e alguns objetos de utilidade imediata.

Por vezes em um, em outros tempos em outro, ela se organiza de acordo com suas necessidades – tem a liberdade de escolha, de poder fazer desses locais materiais o seu lugar, muitas vezes um refúgio quando deseja isolamento. O(s) quarto(s) tem fortes marcas de sua personalidade, dos seus gostos e estilos, de suas crenças e valores, e tudo isso foi percebido pela participante-pesquisadora logo nos primeiros contatos com o ambiente em questão.

Na relação e diálogo entre esta participante-pesquisada e a pesquisadora, a reflexão fora direcionada para os objetos expostos em seus quartos, e emergiu a questão sobre quais os fatores que faziam a jovem assim os disporem - ela preferia expor os objetos ligados a experiências já bem-resolvidas dentro dela e deixar guardado o que a deixa vulnerável, os materiais que a abalam, relacionados às experiências e relacionamentos passados que para ela têm muito valor e que, de alguma forma, podem permanecer vivos nesses objetos. Estes se encontram escondidos em caixas dentro do seu guarda-roupa, e, segundo ela, protegidos da massificação de uma rotina, de “caírem no comum”; estão ritualizados. A participante-pesquisadora só teve acesso a esses materiais no penúltimo dia de encontro, quando, por livre vontade, a participante-pesquisada quis lhe apresentar.

Por outro lado, a outra voz, que também nos conta sua história, não pode ser percebida tão claramente na organização de seu quarto como a primeira. Ela o divide com um irmão e, em exposição, se encontram apenas objetos de uso conjunto. Seu espaço se torna, portanto, local de constantes negociações de identidade, onde ora se pode expor o que se é, ora é preciso esperar para que o outro se manifeste. Em meio a cansativas negociações, nos conta esta participante, preferiu guardar

suas coisas em um espaço que acredita ser só seu – o guarda-roupa – e, desde então, evita que suas coisas fiquem em demasia espalhadas pelo quarto. O guarda-roupa demonstrou-se, então, o local de maior manifestação de seu *self*, onde guarda e protege de perigos exteriores as coisas que mais lhe são preciosas.

Esta participante também possui uma caixa no guarda-roupa onde se encontram objetos de talvez nenhuma funcionalidade, mas com valor simbólico incomensurável, geralmente atribuído a relações com pessoas significativas. Essa caixa foi mostrada à participante-pesquisadora desde os primeiros encontros, algo bem diferente do que aconteceu com a primeira pesquisada mencionada. Além disso, ambas as participantes-pesquisadas trouxeram à discussão a importância do exercício de organização do quarto como metáfora da organização de si mesmas, apontando o quanto este pode refletir, em seus arranjos, o estado do seu mundo interno.

No último dia de visitas, ao serem questionadas pela participante-pesquisadora sobre como teria sido para elas a participação na pesquisa, as participantes-pesquisadas discorreram em torno tanto da possibilidade de crescimento por pensarem sobre seus quartos e, assim, terem mais consciência do que fazem com eles, como também da sensação de incômodo por acabarem refletindo sobre suas crises.

5 O QUARTO COMO METÁFORA DA ELABORAÇÃO DA CRISE DE IDENTIDADE

Apesar de este não ser nosso objetivo, percebemos que é possível identificar nas jovens pesquisadas características de períodos de desenvolvimento que vão do final da adolescência ao início da fase adulta, o que nos ajudará a construir esta reflexão.

Nos diálogos com as participantes-pesquisadas, foram percebidos elementos nos quais a identidade é o ponto central, como conflitos em relação à diferenciação do que é delas e o que é dos outros (identidade vs. confusão de identidade), e o paradoxo da necessidade de estabelecimento de relacionamentos íntimos e, ao mesmo tempo, de afastamento das alteridades (intimidade vs. isolamento) (ERIKSON, 1987).

Se pensarmos no que foi colhido pela experiência das visitas pelo viés da construção de identidade, podemos ter no quarto uma metáfora

das dinâmicas de constituição da identidade e de seus jogos de afirmação. Em linhas gerais, podemos dizer que o quarto é o espaço cedido pela família para que o jovem se constitua dentro da casa, e, talvez, o primeiro ensaio de um indivíduo a elaborar-se em uma dimensão física, de modo organizado e responsável. Porém tal espaço ainda é algo cedido por outrem, ou seja, não é seu. Ao mesmo tempo, se tem mais autonomia sobre ele do que em tempos remotos, como na infância. Diante disso, o sujeito se vê diante situações nas quais são necessárias negociações para cada vez mais construir e conquistar sua voz dentro da casa.

Da mesma forma como tem de negociar seu espaço físico, podemos dizer que o indivíduo caminha em negociações a respeito de sua própria subjetividade em relação ao mundo circundante, num movimento de conquista de si mesmo. Em meio a essas negociações para afirmação do *self*, se constituem as crises de identidade. É válido mencionar que

[...] a palavra crise é usada aqui num sentido de desenvolvimento para designar não uma ameaça de catástrofe, mas um ponto decisivo, um período crucial de crescente vulnerabilidade e potencial; e, portanto, a fonte ontogenética da força e do desajustamento generativos. (ERIKSON, 1987, p. 96).

Seguindo esse raciocínio, podemos pensar a situação do relacionamento das participantes-pesquisadas com seus quartos. As negociações com o mundo externo podem ser percebidas no expor certos objetos e no guardar outros, de acordo com as possibilidades do próprio quarto enquanto ambiente do indivíduo e em relação às próprias elaborações das experiências vividas e significações que atribuiu a cada artefato.

Por exemplo, as condições de exposição do *self* no espaço “quarto” são bem distintas entre a participante-pesquisada que possui dois quartos e não os divide e a participante-pesquisada que precisa compartilhar o quarto com um irmão. Por consequência, as reações de cuidado e proteção do *self* também se mostraram bem diferentes: enquanto uma consegue organizar seu espaço com objetos que lhe representam, a outra, pelas ocasiões desfavoráveis e quase sempre conflitantes, dispõe o mínimo possível de suas coisas no espaço que é dividido. Isso acontece porque, para que a identidade do jovem se manifeste em fertilidade de recursos, as condições devem ser adequadas (ERIKSON, 1987). A jovem com menor possibilidade de se manifestar no espaço do quarto, porém,

reagiu criativamente e negociou com o ambiente um lugar que seria só seu – o guarda-roupa.

Nesse caso de necessidade extrema de recolhimento, como também no fato de ambas as participantes-pesquisadas possuírem caixas mantidas no interior de seus guarda-roupas, podemos observar certa seletividade como um mecanismo, consciente ou não, à sobrevivência do *self*. É possível, ainda, redimensionar a origem das necessidades de defesa da identidade em construção das participantes-pesquisadas (e as estratégias de negociação daí decorrentes) a um patamar maior do que os desafios impostos pelos laços e dinâmicas familiares: seus ajustes e desajustes se dão em nível da sociedade onde se encontram, na qual está inserida sua família e seus espaços. É a ideologia que permeia os discursos sociais quem busca calar as diferenças dos indivíduos, por estas representarem perigo aos enunciados construídos e já cristalizados que sustentam a sociedade em seus moldes (ERIKSON, 1987). A família é apenas mais um representante dessa ideologia em nível microssocial.

Ainda assim, inseridos em um plano discursivo por vezes colonizador (tanto em nível macrossocial quanto familiar), os jovens são capazes de usar dos artefatos e instrumentos oriundos dos dizeres majoritários e tomá-los como artimanhas próprias, fazendo pertencer-lhes: usam do quarto que lhes é cedido, dos objetos que lhes são possíveis, e edificam como podem, a sua maneira de organizar os espaços. Assim, suas narrativas, “embora fiquem enquadradas por sintaxes prescritas [...] continuam heterogêneas aos sistemas onde se infiltram e onde esboçam as astúcias de interesses e de desejos *diferentes*” (CERTEAU, 1996, p. 97, grifo do autor), tendo certa garantia de que sua identidade seja mantida. Podemos dizer, então, que, quando há a crise de identidade, e, por ocasião, há a necessidade de elaborá-la por meio de artimanhas de afirmação da diferença, seja usando de exposição de si pela exposição de objetos representativos de experiência, seja pelo esconder-se para salvaguardar-se de grandes interferências, há um mecanismo saudável que refrigera os mecanismos sociais de manterem-se sempre os mesmos. O jovem, em suas crises, é

[...] um regenerador vital no processo de evolução social, pois a juventude pode oferecer suas lealdades e energias tanto à conservação daquilo que continua achando verdadeiro como à correção

revolucionária do que perdeu o seu significado regenerador. (ERIKSON, 1987, p. 134).

Além disso, o quarto, e, principalmente, o guarda-roupa foram se mostrando, no decorrer da pesquisa, elementos importante na relação dessas jovens na construção de seu espaço físico, e sua organização, para elas, quase sempre foi associada à elaboração de conteúdos internos que precisavam ser assimilados. Por fim, numa última tentativa de aproximação do fenômeno estudado e de seu entendimento, podemos indicar o processo de organização do quarto como exercício da elaboração das crises de identidade - escolher o que se mantém e o que se joga fora, determinar o que é mais importante, reconhecer-se nas lembranças trazidas pela presença de determinados objetos e ter consciência do porquê se lida com eles de determinada forma, e não de outra, são atividades de reconhecimento que ampliam a possibilidade de amadurecimento do *self* dentro das limitações ambientais em que se está inserido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relacionamento dos jovens com seus quartos, e a dinâmica da identidade que cerca esse fenômeno, pode ter muito a nos ensinar sobre a construção de nossos espaços urbanos, assim como acerca das negociações que temos de engendrar para poder contribuir e modificar, com nosso discurso, os enunciados sociais maiores. De fato, a intenção de elaboração desta pesquisa não se encontra em torno de estabelecer vereditos nem mesmo qualquer preposição que possa encerrar o tema levantado.

Ao contrário, foi de interesse dar visibilidade ao fenômeno estudado ao mesmo tempo que exercitar um método que tenha no respeito à experiência dos sujeitos a sua prioridade. A funcionalidade da presente investigação, no entanto, se encerra quando não é capaz de gerar incômodos e questionamentos nos seus leitores, como também de desencadear outras pesquisas a respeito do fenômeno proposto.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, H. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

ALMEIDA FILHO, N. Transdisciplinaridade e o paradigma pós disciplinar na Saúde. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 30-50, 2005.

BHABHA, H. K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 198-238.

CERTEAU, M. Fazer com: usos e práticas. In: _____. *A invenção do cotidiano; artes de fazer*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 91-106.

DOUGLASS, B.; MOUSTAKAS, C. E. Heuristic Inquiry. The Internal Search to Know. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 25, n. 3, p. 39-55, verão de 1985.

ERIKSON, E. H. O ciclo vital: epigênese da identidade. In: _____. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987. p. 90-141.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. (Desdobramentos). Caxias do Sul, RS: Educus, 2003.

MACIEL, J. C. *A ciência psicológica em primeira pessoa: o sentido do método heurístico de Clark Moustakas para a pesquisa em psicologia*. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade de Campinas, SP.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultura, 1984. (Orig. 1922).

MERLEAU-PONTY, M. O visível e a natureza: a interrogação filosófica – reflexão e interrogação. In: _____. *O visível e o invisível*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 15-56.

MOUSTAKAS, C. E. *Heuristic research: desing, methodology and applications*. Newbury Park: Sage Publications, 1990.

_____. The heuristic process in discovery of knowledge; discovery: processes and methods. In: _____. *Being-In, Being-For, Being-With*. CA: Jason Aronson Inc. Publishers, 1995. p. 21-39; 41-57.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 fev. 2011. doi: 10.1590/S0102-71822003000200003.

Anexo 1: POEMA PARA A DEVOLUTIVA AO SUJEITO “A”

Em meu quarto, não há muitos espaços
Ainda assim eu sobrevivo
De brechas para expor o que eu sou

Negocio este lugar todos os dias,
E a cada momento
É hora de ganhar e de perder
É tempo de expor e de esconder

Então, eu me escondo em um mundo que só eu sei
Onde minhas desordens fazem todo sentido
Onde eu posso, enfim, estar comigo

Meu guarda-roupa é parte de mim
Dele faço meu lugar na história
Meus conflitos e crises respiram
Sem julgamentos, se manifestam.

Não o abro para qualquer pessoa
E minhas coisas não empresto
Se eu não confiar

Mas se você tiver zelo por elas
E delas quiser cuidar
Se eu perceber em você espaço para expô-las
Meu espaço eu farei aberto

Talvez não seja o mais organizado,
Mas é meu, sou eu, e este todo eu te ofereço
Pra compartilhar nele também o que é seu.

Talvez você possa ver o que eu não vejo
E o que de belo eu perdi, encontrará
Talvez não se importe com o material arcaico
E com as coisas fora do lugar.

Sim, talvez você possa ser auxílio!
Então, não se acanhe, chegue perto, venha comigo!
Quero, com você, me reorganizar!

Anexo 2: POEMA PARA A DEVOLUTIVA AO SUJEITO “B”

Aqui só se entra com a minha permissão
Dê-me a sua mão, vou lhe explicar
Este é o meu lugar, e eu digo as regras
Sou eu quem diz quem pode ficar

Eu me exponho no que quero expor,
Recolho-me em caixas quando quero conservar.
Ritualizo, desmistifico
Desenho a minha história, meu passado, e onde eu fico
No meio das minhas memórias, eu determino.

Das minhas paredes eu tiro as lembranças
Se penso já ser hora de guardar
Nas minhas estantes, pelúcias e livros,
Eu mudo quando acho preciso.
E se preciso, me mudo, tiro tudo do lugar.

Porém, não se engane, sou de ferro,
Mas também sou de rosa de vidro.
Deste espaço, nem sempre consigo arrancar
O que precisa passar por mim

O meu espaço é uma linha tênue
Entre o que me deram e o que eu disse fiz
Aqui, de mãos dadas, caminha a insegurança e a força,
Às vezes em crise, às vezes feliz.

Haverá tempos em que vou me deixar conhecer
Mostrarei meus mundos, meus filmes, fantasias
As caixas que no guarda-roupa estão nos fundos,
As histórias das coisas que eu guardei.

Haverá momentos em que eu vou me isolar
Ainda assim, suas coisas que aqui estiverem vão ficar
E as minhas, eu divido se você quiser
Não sou de manter espaços muito vazios

Os espaços devem estar organizados
O suficiente para se respirar
E o meu, você precisa saber,
Sou eu quem delinea, e eu organizarei
À minha maneira, do modo que só eu sei.